



Aforismos

Ricardo Gil Soeiro

Portugal

Um aforismo é um nó em chamas.

*

Limito-me a observar o interior podre das coisas. Cismo nos ses, negoceio os quandos, calculo o deve e o haver. Fito o tecto aberto, disseco o desprezo dos gatos. Demoro-me a contabilizar os carros que passam. Detenho-me na pomba esmagada na calçada, ao mesmo tempo que pergunto pela noite dos amantes. Olho os ramos da árvore que nunca vi, acaricio as nuvens à distância. Penso no futuro e na esperança, sempre tão cheios de boas intenções.

*

O mundo, lá fora imponderável, enreda-se nas traições de sempre. Mastigando a mesma monotonia. Torna-se quase plausível. E eu, coração de luto, confesso-me dono deste desencanto: dele se desprende uma alegria miudinha, regozijo pela dose justa de treva. Tenho este fascínio inexplicável por escombros adormecidos que amo como uma espécie de música lenta.

*

Sobre questões de estilo nada tenho a dizer. Hiperbólico e titânico ou elíptico e cínico? Tanto faz. O que importa é que o leitor se precipite para um pensamento em chamas.

*



Os pontos fracos de um livro são a sua única matéria digna de apreço. O seu bem mais precioso. São aquilo que os singulariza, aquilo que os humaniza. O malogro sempre foi cativante. Os pontos fracos de um livro são a sua redenção.

*

Qual é a melhor forma de amar um livro?

*

Todo o livro é uma ilusão escusada. Quando lemos, submetemo-nos a um imperativo de coerência (princípio, meio e fim) que culmina com uma conclusão que nos trará algum alívio. Caberá ao leitor criativo semear a desordem, estimar os desequilíbrios. Sabendo que o caos é indomesticável, o leitor-alquimista criará o seu próprio livro a partir das suas cinzas, restos e destroços. E assim nascerá o mais belo fogo esfarrapado, um outro livro que ficará à mercê de quem, por sua vez, o quiser despedaçar.

*

Compreendo perfeitamente a atracção que um pensamento de demolição exerce sobre mentes impacientes. Porém, uma tal tarefa dionisíaca não se coaduna com temperamentos mais fleumáticos. É demasiado vitalista e estridente para o meu gosto. Destruir ídolos sim, mas com as cautelas devidamente necessárias. Em vez de filosofar à martelada, filosofar por aproximação. Retocar, limar, fazer pequenos ajustes. Minar por dentro os alicerces do jogo. Dissolver as tábuas de valores, em vez de as despedaçar. À exaltação preferir a astúcia.

*

Aprendizagem de um aspirante a filósofo. Repetir vezes e vezes a história de Diógenes que, quando lhe perguntavam por que razão pedia obstinadamente esmola às estátuas inanimadas, replicava que estaria a aprender o fracasso.

*

O aforismo é, em boa verdade, um ardil profundamente caricato. Aproveita-se da sua brevidade, do seu carácter elíptico



e gnômico, para se dar ares de uma clareza profética que não possui e que mais não é do que uma incapacidade de pensar mais fundo. Erudição de superfície fazendo-se passar por uma sabedoria das profundezas. A sua contundência é a arma infantil de que dispõe para deixar os espíritos fracos a salivar por mais. A sua estratégia é a do toca-e-foge. Cobiço a ligeireza e a frescura do estilo aforístico. Os seus contrastes claro-escuro, a sua propensão para a irradiação de pressentimentos. É escrever como quem dança, é ter a palavra fugidia na ponta da língua.

*

A poesia é a arte de pôr o mar dentro de um copo (Italo Calvino).
A filosofia é a arte de fazer uma tempestade num copo de água.

*

A saudade é um arranha-céus prestes a ruir num
coração sem paradeiro.

*

Os sinais de pontuação marcam o compasso, ritmam o pensamento. Como assinalou Adorno, todos eles têm valor fisionómico e expressão própria, são como sinais de trânsito, como notações numa pauta musical. “O ponto de exclamação não se assemelha a um ameaçador dedo em riste? Os pontos de interrogação não se parecem com luzes de alerta ou com uma piscadela? Os dois-pontos, segundo Karl Kraus, abrem a boca: coitado do escritor que não souber saciá-los. Visualmente, o ponto-e-vírgula lembra um bigode caído; é ainda mais forte, para mim, a sensação do seu sabor rústico. Marotas e satisfeitas, as aspas [»«] lambem os lábios” (Theodor W. Adorno, *Notas de Literatura*). A mim oprime-me o fascínio que nutro pelas reticências e é por isso que raramente as uso. Apontam para um rumor espiralado, para uma tese esburacada que se traduz na intuição de um perpetuum mobile. Reparem na indelicadeza daqueles três pontinhos: interrompem abruptamente o pensamento, guardam ciosamente para si aquilo que ficou por



dizer. São como minúsculas lanternas à procura de segredos anônimos avolumando-se nas entrelinhas...

*

Não apressemos as respostas. Cada ferida tem
o seu tempo.

*

Intermitências. Abres e fecha o livro. Lês, meditas, contemplas. Abres o livro novamente: o texto como que se acende de palavras cegas, a escuridão feliz que a obra fez por merecer.

*

O cigarro faz por mim uma merecida pausa na existência burocrática. Penso onde falhei, enquanto o fumo improvisa vagarosas esculturas. Repito, sem grande convicção: está tudo bem, vai ficar tudo bem. A angústia há muito que desaguou nesta vaga ideia de uma paz apodrecida. O tempo-força não sabe fazer outra coisa. Há sombras que passam por mim. Sorrio à distância, finjo que estou vivo. Mas a verdade é que sou um traficante de ilusões, pele riscada a condizer com absolutamente nada. O fumo já se esfumou: é tempo de regressar ao inferno. De coração sujo, anseio pelo que a noite-amante trará: talvez uma ilha que se acenda, talvez um corpo accidental onde afogar os últimos destroços. É esta, confesso, a minha ideia de felicidade.

*

A proeza do tempo é não saber desistir.

*

Fechamos a porta, aguardamos a solidão – esse vendaval de beijos no escuro.

Nota:

Alguns excertos de *Súmula das Aporias*, incluído na obra “Magma”, constituída pelos seguintes tomos: Tomo I: Tratado das Confidências {*Ultima verba*}; Tomo II: Caosmos {*Tramas rizomáticas, traços menores, linhas de fuga*}; Tomo III: O Fulgor Volúvel do Devir {*Breves notas sobre a melodia das coisas*}; Tomo IV: Breviário Clandestino das Extravagâncias {*Manual de sobrevivência para descrentes e incautos*}; Tomo V: *Súmula das Aporias* {*Parerga e Paralipomena*}.